



# **Viver com Esperança Tempos de Crise**

**Notas sobre a esperança bíblica**

Armando dos Santos Vaz

Caderno 25

**Fundação Betânia**

*Dezembro – 2013*

[www.fundacao-betania.org](http://www.fundacao-betania.org)

# Viver com esperança tempos de crise

Notas sobre a esperança bíblica

Armindo dos Santos Vaz, ocd

A esperança é inerente ao dinamismo do espírito humano. O humano é o ser que espera, o ser que, pela consciência, merece que a sua esperança não seja frustrada. É o ser que precisa de esperança para viver, uma esperança que não seja um véu a encobrir a resignação, uma *esperança* não confundível com a simples *espera* passiva, que às vezes só é “uma forma disfarçada de desesperança e impotência”<sup>1</sup>. De uma diz-se com pessimismo que «quem espera desespera». A outra torna-nos optimistas, dá-nos a força de sorrir quando tudo à volta parece ruir. É sobre esta que meditamos aqui, a partir da revelação bíblica.

Começemos com dois trechos clássicos, que dão sempre que pensar.

- O poeta grego Hesíodo (séc. VIII a.C.) conta que Zeus, o deus supremo do panteão olímpico, quis punir a insolente rebelião do semi-deus Prometeu, que se atrevera à *excessiva* esperteza de roubar o fogo divino (*hybris*) para ajudar os humanos a civilizarem-se<sup>2</sup>. Então os deuses deram vida a uma linda mulher, na qual Hermes “pôs mentiras, palavras sedutoras e carácter astuto/fraudulento” (verso 78). “Deu-lhe o nome de *Pandora*, porque foram *todos* os moradores do Olimpo que, com o seu *presente*, fizeram presente da desgraça aos humanos... Antes, a raça humana vivia na terra [“como se fossem deuses”: verso 112] ao abrigo das penas, da dura fadiga, das doenças dolorosas que acarretam a morte aos humanos. Mas a mulher, tirando com a mão a grande tampa da jarra, espalhou-as pelo mundo... Só a **esperança** ficou lá, no interior da sua prisão inquebrável, sem sair dos lábios da jarra..., porque Pandora, por vontade de Zeus, já tinha recolocado a tampa... Ao contrário, as tristezas vagueiam inumeráveis entre os humanos: a terra e o mar estão cheios de males. As doenças, de dia e de noite, visitam os humanos, trazendo sofrimento aos mortais – em silêncio, porque o sábio Zeus lhes recusou a palavra. Assim, não há meio de escapar aos desígnios de Zeus” (versos 80-82.90-95).

Este mito de origem grega toca o mito bíblico de Génesis 2-3 no ponto em que a mulher se diz “enganada” pela serpente (Gn 3,13) e em que o “engano” da mulher aparece miticamente como causa dos males e da morte que inevitavelmente incomodam os humanos nas suas limitações e que são vistos como punição divina.

- Dante começa o canto III do seu *Inferno* na *Divina Comédia*, contando que por cima da porta de entrada para o inferno estava escrito em letreiro escuro: “Deixai toda a **esperança**, vós que entrais” (versos 9-12). Significava que a falta de esperança é o inferno.

Os dois trechos, com linguagem mítica e poética, têm em comum a elevada intenção de dar sentido radical às asperezas da vida pessoal, onde está radicado o sentido último

<sup>1</sup> E. FROMM, *A revolução da esperança* (Jorge Zahar; Rio de Janeiro 1981) 26.

<sup>2</sup> *Os trabalhos e os dias*, versos 54-58.

ou absoluto, visto pela fé na esfera do divino. E ambos têm consciência de que os males físicos são inevitáveis: dependem da incontornável limitação e da radical finitude da condição humana.

A Bíblia, outro clássico, tem um olhar diferente para essa inevitabilidade, conjugando a esperança com diversos acentos. Intentamos esboçar a estrutura básica da esperança bíblica e algumas razões que a fundamentam. A percepção da sua estrutura mostra a sua intenção mais genuína, mas também dá credibilidade ao alcance mais profundo da esperança cristã e à possibilidade de a viver hoje de forma crítica e coerente na comunidade humana que diz estar em crise.

## 1. O dinamismo da esperança no Antigo Testamento

Uma das notáveis observações que o leitor atento pode fazer nas entrelinhas do universo dos textos bíblicos é a de que está perpassado de um plano de salvação dos humanos, visto pela fé como iniciativa de Deus. Ora, esse projecto, que costumamos chamar *história da salvação* do povo de Deus, a fé vê-o impregnado de um dinamismo interior, que o percorre do princípio ao fim: é uma esperança viva por um futuro sempre melhor e libertador. Descobre-se desde logo nos textos do Antigo Testamento.

Mas, se, para o descobrir, a tradição cristã, desde S. Agostinho até hoje, geralmente traça a sequência «paraíso – queda – castigo – redenção em esperança», ela não resiste a uma análise crítica das narrativas da criação com a metodologia recomendada pelo magistério da Igreja. Resultante de uma leitura literalista, historicista, está imbuída de perigosa ambiguidade e ameaçaria a pureza da esperança cristã, pois subentende uma imagem de Deus que obscurece outras verdades da fé, entendendo-o mesmo como castigador. O esquema básico que realmente encontramos na análise dos textos é capaz de sustentar a esperança sem anular, nem o esforço da liberdade, nem a ambiguidade da história. No princípio de tudo e como fundamento de tudo, emerge Deus, transcendência pessoal que dá origem a tudo o que existe e, portanto, é o sentido último do mundo e do ser humano. Através da linguagem do mito de origem, a fé bíblica contempla todas as coisas como *criadas* por Deus. Assim exaltava-as à máxima dignidade e abria o ser humano à esperança, virtude subliminar que impregna a paisagem bíblica de forma caleidoscópica.

Quando a narrativa fundadora da fé bíblica passa do mito para a história propriamente dita (em Gn 12), deparamos logo com a esperança naquilo que é o mais original da revelação bíblica: a sua perspectivação histórico-salvífica.

- **Gn 12,1-4:** “O Senhor disse a Abraão: deixa a tua terra, a tua família e a casa do teu pai e vai para a terra que Eu te indicar. Farei de ti um grande povo, abençoar-te-ei...”. **Abraão**, posto em movimento pela Palavra de Deus, só leva consigo na trouxa a esperança, o conforto da Palavra que o anima. Havia nele uma ânsia de caminhante, expressão de esperança implícita e explícita. Abraão – antes de Ulisses e num plano diferente – é com ele figura arquetípica da esperança humana. Ambos são paradigma dela no interior da metáfora de uma longa viagem que responde a um chamamento divino <sup>3</sup>. Na *Odisseia* de Ulisses a esperança alimenta o regresso a casa, à própria terra, à pátria; o objecto da esperança é o regresso ao interior de si próprio. No bíblico Abraão, o objecto da esperança é um futuro desconhecido, o transcendente: “pela fé partiu sem saber para onde ia; pela fé, estabeleceu-se como estrangeiro na terra prometida” (Heb 11,8-

---

<sup>3</sup> “Diz-me se é verdade que cheguei à minha pátria amada” – pede Ulisses à deusa Atenas: HOMERO, *Odisseia*, 23, 329.

9). A esperança é como a vida: tem um «partir» e um «voltar. Em Abraão, é o tempo de partir de casa; em Ulisses é o tempo de voltar a casa. Na viagem de Abraão, o grande protagonista é Deus, que o chama, que o desacomoda, mas que lhe garante fidelidade no compromisso da sua aliança:

➤ **Gn 15,1-18:** “O teu herdeiro sairá das tuas entranhas... O Senhor estabeleceu uma aliança com Abraão dizendo-lhe: Dou esta terra à tua descendência”. Os verbos estão *no futuro*. Abraão aparece abalçado para o futuro. É apresentado como aquele que vive de esperança e de *promessas* de Deus (de uma descendência, Isaac, e de uma terra, Israel), feitas no âmbito de uma *aliança* em forma de juramento absoluto e gratuito, da iniciativa de Deus. Essa aliança-compromisso é renovada em Gn 17,1-8.15-20.

➤ **Gn 22,1-19:** “Deus disse a Abraão: Pega no teu filho, no teu único filho, a quem tanto amas, Isaac, e vai à região de Moriá, onde mo oferecerás em holocausto”. É o drama da esperança!... O filho impossível para a biologia da mãe (Sara, estéril) tinha-se tornado possível para a fé do pai. Parecia realizada a promessa divina: “Sara, tua mulher, te dará à luz um filho e há-de pôr-lhe o nome de Isaac” (Gn 17,19). *Mas* agora – paradoxalmente? – Deus pede que lho ofereça. Não será o fim do filho e o volte-face da promessa em burla? A fé-obediência de Abraão não anula a sua esperança. Esta intuiu que oferecer a Deus o filho da promessa não seria um dom sem sentido, porque tudo o que na vida tem valor se multiplica quando se dá. De facto, Deus devolveu-lho, agora abençoado e consagrado pelo sacrifício. E multiplicou o dom: “multiplicarei a tua descendência como as estrelas do céu e como a areia das praias do mar” (Gn 22,17).

A esperança já em Abraão e desde ele em diante, é uma atitude complexa, mas vigorosa, substantiva, ousada. Um acto livre: eleição e fidelidade. Libertadora, porque não é só um acréscimo de sentido, mas também um acréscimo de acção: compromete na vida. Na escuridão da esperança multiplica-se o dom de Deus. A esperança de Abraão, amadurecida na contradição deste episódio, torna-se radical experiência do despojamento de todas as seguranças, aceitando tudo perder para ter unicamente Deus: ao devolver a Abraão o filho sacrificado (pelo símbolo da imolação do carneiro), dava-se a Si próprio a ele e orientava-o para o futuro, na esperança.

Paulo deixou-nos o poderoso testemunho da esperança de Abraão: “Esperou contra toda a esperança, acreditou e foi feito pai de muitas nações... Diante da promessa divina, não cedeu à dúvida com incredulidade; antes, fortalecido na sua fé, deu *glória a Deus* [mostrou que *existe Deus*], com a plena convicção de que poderoso é Deus para cumprir o prometido” (Rm 4,18-21).

Realmente, Abraão assumiu a responsabilidade de esperar em Deus, tanto como em si próprio. Sabia que só se é homem em responsabilidade. Ora, a responsabilidade de amadurecer na esperança não se pode delegar. Cada um é que tem de arcar com o custo desconfortável de querer dar espessura à sua esperança em Deus, sabendo que ou aspira a tanto ou permanece anão. As contas da nossa esperança são todas por conta própria, “porque só há um

remédio para a infância, que é crescer”<sup>4</sup>. Cada um torna-se grande à sua medida, em proporção à grandeza daquilo que espera. Quem espera tudo de si próprio torna-se tão grande como a sua medida. Mas quem espera em Deus torna-se *superior*, porque se *supera* a si próprio em Deus. Bem-aventurado aquele que tem Deus como *conteúdo* da sua esperança!

- O compromisso de Deus é renovado aos outros **patriarcas**. A sua *bênção* a cada um é fonte de esperança. Gn 28,12-15: o *sonho* de Jacob é suporte da esperança: “Eu estou contigo. Guardar-te-ei para qualquer parte que fores. Não. Não te abandonarei enquanto não cumprir o que te prometi”.
- **No Egipto**, a opressão dos hebreus aparece como uma ameaça à esperança no “Deus dos pais”: Ex 3,9-10. Na realidade, é um processo maiêutico que consciencializa o ser humano da necessidade de ser libertado: o mal faz-lhe experimentar a incapacidade de obter por si só a libertação e abre-o à esperança de a obter. Sendo sempre a opressão intrinsecamente má, foi teologicamente explorada pelo narrador bíblico como meio para compreender que na relação com Deus tudo é graça d’Ele. Quando uma pessoa *sente* o peso da escravidão, fica predisposta para se inebriar da espessura da liberdade, porque então esta não aparece como um bem qualquer, mas como um bem gratuito sem alternativas reais, como uma construção de Deus sobre os escombros do oprimido que grita por socorro, impotente para se salvar. Só um poder superior é capaz de socorrê-la. Aí revela-se Deus a favor da pessoa, como motor da história da liberdade humana. Onde se levanta a ameaça do perigo de vida, a fé faz emergir a esperança de um salvador. Para os hebreus escravos no Egipto, a libertação tornou-se um objectivo tão humanamente impossível, tão desejado e tão gratuito, que só em Deus puderam pôr a sua esperança: “Os filhos de Israel gemiam na servidão e ergueram até Deus o seu grito de socorro na sua servidão. E Deus escutou os seus gemidos e recordou-se da sua aliança com Abraão, Isaac e Jacob” (Ex 2,23-24).
- O **êxodo** começa num acto de esperança. A opressão dramática tornou-se contexto e pretexto, observatório e plataforma para a captação de Deus como libertador. A melhor maneira de sobreviver à opressão do homem contra o homem é conseguir dar-lhe um sentido. Ora, a fé hebraica deu sentido à opressão, inscrevendo-a num fundo de esperança prodigiosa, que viu Deus desencadear um processo de libertação na história dos hebreus. Ver Deus como “*Aquele que é*” significava esperar contra o desespero. A linguagem da esperança no Deus libertador transformou o medo interior em energia libertadora. As pragas em número de dez (Ex 7,8-13,16) visavam manter viva a esperança ao longo do processo libertador. A travessia do mar (Ex 13,17-14,31) era a vitória da esperança sobre o medo e sobre as opressões. A esperança é hermenêutica: vê Deus a vir à vida do Homem e a dar-lhe significação superior. Essa vinda de Deus diz-se selada com uma **aliança**, a do Sinai.  
Obtida a libertação como dom, o grande objecto de esperança agora era a Terra prometida.  
Também era a esperança em Deus e a sua promessa da Terra que mantinha o povo em vida na travessia pelo **deserto**. O deserto era lugar de *esperança*:

---

<sup>4</sup> VERGÍLIO FERREIRA, *Interrogação ao destino, Malraux* (Bertrand; Venda Nova 1998) 14. Veja J.A. de SOUSA, “A via negativa da esperança em Vergílio Ferreira”, *Itinerarium* 50, nº 178/179 (2004) 45-54.

no deserto não há nada entre a terra e o céu; quem está onde não há nada facilmente espera vir a ter algo melhor. A crítica do povo contra os seus líderes, as murmurações e os protestos por o terem tirado da escravidão do Egipto eram tentações contra a esperança: Nm 14,1-4 e Nm 11,4-5. Os líderes apontavam o caminho para a Terra prometida. O povo só via deserto. Os líderes apontavam o futuro, o povo recordava o passado da comida abundante no Egipto. “«É precisamente a partir da experiência do deserto, do vazio, que podemos redescobrir a alegria de crer, a sua importância vital para nós, homens e mulheres. No deserto, é possível redescobrir o valor daquilo que é essencial para a vida; assim sendo, no mundo de hoje, há inúmeros sinais da sede de Deus, do sentido último da vida, ainda que muitas vezes expressos implícita ou negativamente. E, no deserto, existe sobretudo a necessidade de pessoas de fé que, com suas próprias vidas, indiquem o caminho para a Terra Prometida, mantendo assim viva a esperança»... Não deixemos que nos roubem a esperança!”<sup>5</sup>. O objecto da esperança era o *novo*. Mas esta causa preocupações, põe interrogações, gera receios.

- Para evitá-los, não se pode esquecer Deus, o dador da Terra – dizia o **Deuterónimo** 6,1-13: “Quando o Senhor, teu Deus, te introduzir na terra que há-de dar-te, conforme jurou aos teus pais, Abraão, Isaac e Jacob..., procura não esquecer-te do Senhor que te tirou da terra do Egipto, da casa da escravidão. Ao Senhor, teu Deus, temerás, a Ele servirás”. Deus é que mantém viva a chama da esperança. As gerações vindouras são a contrapartida, a fonte de esperança humana: realidade que desafia a responsabilidade da **transmissão da esperança em família**: “Quando o Senhor te tiver introduzido na terra dos cananeus, como jurou a ti e aos teus pais, e tu tiveres dado, consagrarás ao Senhor todos os primogénitos... E quando no dia de amanhã o teu filho te perguntar «que significa isto?», responder-lhe-ás: «Com mão forte o Senhor tirou-nos do Egipto, da escravidão... O Senhor matou todos os primogénitos no país do Egipto, desde o primogénito humano até ao primogénito do gado. Por isso, eu sacrifico ao Senhor todo o primogénito macho do gado e resgato o primogénito dos meus filhos»” (Dt 13,11-16).
- Uma vez na Terra, do lado humano a esperança vai assentar numa figura régia, que se tornará pouco a pouco o ideal do rei que libertará Israel dos seus inimigos e manterá a esperança da salvação: o rei **David**. O oráculo de **2Sam 7,8-17** é o ponto culminante do compromisso/**aliança** de Deus com David e a coluna vertebral das esperanças de Israel no Antigo Testamento, a partir do qual se desenvolveu a esperança dos profetas que anunciava a vinda de um novo David. Esboça a expressão do *messianismo* real. É o texto-base que constituiu o fundo antropológico e as aspirações da esperança futura.
- **Isaiás** assegura que, nos planos de Deus, a dinastia de David é a eleita para reinar em Jerusalém, capital de Judá: **Is 7,13-14**: “Escutai, casa de David: o Senhor em pessoa vai dar-vos um sinal: Eis que uma donzela está grávida e vai dar à luz um filho e chamá-lo-á Emanuel”. A esperança de Isaiás enxerga nas circunstâncias históricas presentes o advento do reino definitivo de Deus. O declinar político conduziu à idealização do império de David; e este conduziu ao florescimento de esperanças religiosas e políticas de que um

---

<sup>5</sup> PAPA FRANCISCO, *Evangelii gaudium*, 86.

novo rei, **ungido** como David, restabeleceria o grande império na Palestina. Essa esperança viu-se concretizada nos reis Ezequias e Josias.

- A esperança inculcada ao povo pelos profetas está intrinsecamente ligada à Palavra de Deus e às suas promessas. Está formulada **no futuro**: “Sairá um rebento do tronco de Jessé... Repousará sobre ele o Espírito do Senhor... Julgará com justiça os débeis” (Is 11,1-9). Mas o essencial da esperança não estava ligado ao tempo futuro como se fosse adivinhado: o essencial era o "**novo**" absoluto, o divino no humano, o transcendente a entrar no imanente, pondo em diálogo o humano com o divino. Literariamente, a esperança "dizia-se" no futuro, sim, para significar que Deus é que toma a iniciativa absoluta de vir à história humana e de a conduzir com a sua senhoria soberana; "dizia-se" no futuro porque via o futuro de Deus a vir ao presente do destinatário da profecia. A esperança intuía o *definitivo* que está para além do tempo e do espaço: intuía o sentido *último* das coisas e as coisas *últimas*.

De facto, das duas palavras que os gregos tinham para dizer *tempo* (*chrónos* e *kairós*), o tempo bíblico dava particular relevo ao *kairós*. Era conjugado de forma que os acontecimentos adquirissem pleno sentido. Era o tempo de uma história de salvação. Era o *hoje* de Deus que situava o ser humano no coração da esperança; era um tempo salvífico. Enquanto o tempo *chrónos* do calendário, tempo de desesperança, envelhecia e consumia o ser humano, o *kairós* instituía-se como oportunidade de salvação. Era um tempo definido e determinante, que lançava o povo para o futuro por caminhos de verdade, de bondade e de fidelidade. Era um tempo com sentido, que dava sentido à vida, vivida com consciência e densidade. Dando-lhe sentido, dava conteúdo à esperança.

Esse era um objectivo principal do **profeta**: fundamentar e manter a esperança dos seus contemporâneos, fazendo que compreendessem os acontecimentos do seu tempo com o olhar de Deus. A esperança até exprimia um conhecimento: não o conhecimento do *futuro*, mas a experiência de Deus. O que, em última análise, a esperança contemplava era a profundidade última das coisas e o seu sentido invisível a beneficiar a pessoa de esperança: “Bendito aquele que confia no Senhor e põe no Senhor a sua esperança. É como a árvore plantada à beira da água, que estende as raízes para a corrente; nada tem a temer quando vem o calor” (Jer 17,7-8).

- A retoma da **aliança** por parte de Deus, segundo **Oseias** 1-3, trouxe novo fôlego à esperança. A tradição bíblica está determinada pelo futuro anunciado e prometido: a promessa é transmitida e entendida de maneira sempre nova. A recordação da promessa feita antes faz pensar no futuro existente mas latente no passado. Está perpassada de expectativa, inaugurada pela promessa. A esperança não nos emancipa da história: introduz-nos na história, definida a partir do definitivo, prometido e garantido. E da história esperamos não só o futuro do presente mas também o futuro do passado.
- O **exílio** ocasionou o *desconcerto* perante a promessa feita a David. Como pôde Deus permitir esta humilhação do seu **ungido**? O Sl 89,20-30.47-52 põe esse problema teológico, dizendo que a base da esperança estava na fidelidade de Deus à sua aliança: “Fiz uma aliança com o meu eleito, jurei a David, meu servo: «fundei a tua estirpe para sempre, levantei o teu trono de geração em geração»... Encontrei em David um servidor, com o meu óleo

santo o ungi... Mantere para com ele um amor para sempre, a minha aliança com ele será firme; dar-lhe-ei uma estirpe perpétua, um trono duradoiro como o céu... Não violarei a minha aliança... A sua estirpe durará sempre”. A partir do v. 39 seguem as queixas do orante, por causa do aparente abandono de Israel por parte de Deus: “*Mas* agora rejeitaste-o... Enfureceste-te contra o teu **ungido**. Desfizeste a aliança com o teu servo”.

A oração viva era forma de manter viva a esperança.

- Nos profetas, surge a esperança da **restauração** da dinastia. Nesta linha, o texto mais importante é Isaías 11,1-9 e Miqueias 5,1-4a.
- Esperança no regresso do exílio: Is 40,1-5 e Is 41,17-20 e Is 43,1-7 e Is 65,16-25
- Jer 31,31-34 e Ezequiel 36,24-28 : a intuição de “uma **aliança nova**” dá uma esperança nova, porque assenta só na fidelidade de Deus e não na do homem (pecador, falível!). E na identidade que se fechava dentro da segurança da sua tradição – da aliança do Sinai, constantemente violada – a esperança profética enxertou uma identidade aberta à superação da anterior fase, evitada de alguns riscos.
- Desde o tempo do exílio para Babilónia, a esperança bíblica abre-se a uma **visão universalista** da revelação e da salvação: abraça, já não só Israel, mas todos os povos.
- **Cântico dos Cânticos**: Dos vários registos em que se pode ler, nota-se nele um motivo condutor, que o cadencia com tons de esperança. É o motivo da *procura* ansiosa do Amado, que aparece e desaparece para suscitar mais procura e mais esperança. A esperança é o constante alimento do amor; e o amor é a satisfação da esperança.

A amada deseja impaciente o amado. Tem medo de o perder. Salva-a a esperança. Assim comenta Frei Luís de León o Cântico dos Cânticos:

O amor não perde a esperança, mesmo quando não tem notícias do que busca e deseja; antes, então até se acende mais. Porque é sempre assim: ao amor só o amor o encontra, só o amor o entende, só o amor o merece <sup>6</sup>.

Procurando o Amado com ardente desejo, o coração da amada só se fixa nele. Daí brota nela esta incontida prece, que tudo diz, tudo pede definitivamente:

Em escarpados esconderijos  
mostra-me a tua figura,  
deixa-me escutar a tua voz,  
porque é dulcíssima a tua voz  
e formosa a tua figura (2,14).

A busca do amado torna-se esperança, que é o modo supremo da procura e o modo mais denso de ir ao encontro dele. Ao exprimir-se assim, o poeta vai segredando em surdina:

‘Viver é sempre comungar com o outro. Mas, a comunhão que já aconteceu não é tudo o que é possível. Continua a procurar com esperança. Ainda há mais amor a dar e a receber; há mais amor para além das penas e das decepções’. O amor que o é deveras será imorredouro – diz a amada:

Forte como a morte é o amor...  
Não podem as águas mais caudalosas apagar o amor,

---

<sup>6</sup> Citado por *El cantar más bello. El Cantar de los cantares de Salomón* (Traducción y comentario de Emilia Fernández Tejero) (La dicha de enmudecer; Trotta; Madrid 1998) 85.



Nem os rios afogá-lo (8,7).

Essa esperança não defrauda a amada, porque a procura fiel do amor a enriquece e faz com que se transcenda no amado e se salve.

- **Job** 19,23-27a: “Eu sei que o meu Defensor vive... Depois de me deixarem sem pele, já sem carne, verei Deus... Os meus olhos, que não outros, o verão”. A este limite da esperança, por causa de uma situação-limite, faz eco o grande final: “Conhecia-te de ter ouvido, mas agora viram-te os meus próprios olhos” (42,5). A esperança aparece satisfeita pela visão de Deus. É isso o que a reabilitação de Job na sua anterior prosperidade quer significar.
- “Embora a gente pensasse que os justos eram castigados, a sua esperança estava cheia de imortalidade” (Sabedoria 3,4).

Grande sustentáculo da esperança era a oração: dava-lhe corpo. Dirigia-se a Deus como “refúgio e fortaleza”, “amparo e protecção”, alimentando-a mesmo em situações-limite. O Deus bíblico era apoio seguro de esperança por ser um Deus que ama o ser humano e o escuta:

“Na angústia abres-me saídas...

Sabei que o Senhor me distingue com o seu amor.

O Senhor escuta-me quando o chamo” (Sl 4,2-4).

“Feliz de quem tem por auxílio o Deus de Jacob, de quem põe a sua esperança no Senhor, seu Deus” (Sl 146,5).

Os salmos são a esperança em oração, oração que pede, oração que louva, oração que projecta, oração que confia:

“Só em Deus descansarei,

D’Ele vem a minha esperança,

Só Ele é o meu rochedo, a minha salvação,

O meu baluarte: não vacilarei” (Sl 62,6-7).

“Não ficará esquecido o pobre para sempre,

A esperança dos desditosos nunca será iludida” (Sl 9-10,19).

Tendo nós acompanhado este plano salvador para a humanidade ao longo da história bíblica, vemos o fundamento da esperança humana tematizado nos conceitos de *promessa* e de *aliança*. O de *promessa* aos patriarcas põe o acento na iniciativa absoluta de Deus, que salva a partir da total gratuitidade do seu amor. Mesmo assim, tem carácter pessoal, que é essência da esperança bíblica: faz-se a um *tu* e a uma consciência. Portanto, está intrinsecamente ligada à *aliança*, no quadro da qual Deus é fiel às promessas e assegura o carácter interpessoal delas; e é dentro da aliança que o povo é beneficiário das promessas. Estas dizem-se feitas no âmbito de uma aliança:

- » na aliança cósmica dentro de um relato mítico: promessa de “não mais voltar a aniquilar a vida pelas águas do dilúvio” (Gn 9,11);
- » na aliança com Abraão: promessa de descendência e de uma terra (Gn 15,18);
- » na aliança do Sinai: promessa da eleição divina e de fazer do povo “um reino de sacerdotes e uma nação santa” (Ex 19,5-6);
- » na aliança com David: promessa de um “reino que permanecerá para sempre”<sup>7</sup>;
- » na “aliança nova” intuída pelos profetas: promessa de pôr a Lei e o Espírito divinos no interior das consciências e promessa do perdão total dos pecados<sup>8</sup>.

<sup>7</sup> 2Sm 7,16; Sl 89,21-38; 132,10-12.

<sup>8</sup> Jer, 31,31-34; Ez 36,25-29.

Esta esperança ia-se plasmando em sucessivas concretizações: a libertação da escravidão do Egipto, a doação da terra prometida, a paz e a justiça para todo o povo, a confluência de todos os povos para Jerusalém<sup>9</sup>, o regresso do exílio<sup>10</sup>, a vinda do reinado de Deus... “É um facto que tudo quanto foi escrito no passado se escreveu para ensinamento nosso, de modo que, através da constância e da consolação que dão as Escrituras, mantenhamos a esperança” (Rm 15,4). O pintor judeu Chagall reconheceu que “durante séculos os pintores molharam o pincel no alfabeto colorido da esperança que é a Bíblia”<sup>11</sup>.

## 2. O específico da esperança cristã

À esperança de um povo, no ponto culminante da sua história, Deus disse *sim* e *ámen* em Jesus (2Cor 1,20). Este *sim* é o sólido terreno e o suporte definitivo em que assenta a esperança cristã. Dando o Filho ao ser humano, dava provas de lhe ser fiel. E dava garantias de que a sua esperança não era em vão. Na aparição de Jesus como Filho de Deus a libertação prometida em esperança no Antigo Testamento irrompeu como o grande *hoje* de Deus.

De facto, não se pode olhar para o «acontecimento Jesus Cristo» isolado em si. Para se compreender o seu sentido salvífico, definitivo e universal, precisa do testemunho daquela história da qual ele é o ponto culminante. O testemunho das “Escrituras” do Antigo Testamento manifesta que o «acontecimento Jesus Cristo» é o cumprimento de uma história de esperança. Nós fazemos essa descoberta em dois movimentos: *da frente para trás*, relendo o Antigo Testamento à luz da obra de salvação realizada por Jesus e vendo-o percorrido pelo fio condutor da esperança, mas também *de trás para a frente*, compreendendo a salvação realizada por Jesus à luz da história da salvação do Antigo Testamento, vendo-a como cumprimento da promessa feita por Deus. Paulo (Gl 3,6-29) relê assim a promessa narrada no Génesis (12,3.7) como feita por Deus a Abraão no princípio dessa história: “Em ti serão abençoadas todas as nações” (Gl 3,8). A salvação levada a cabo por Jesus no fim dessa história aparece como cumprimento da esperança que a promessa foi alimentando ao longo de dezanove séculos. Se o evangelho não tivesse essa referência ao que foi prometido por Deus no passado de Israel, perderia a própria referência ao futuro definitivo e correria o perigo de transformar-se na palavra de uma revelação abstracta, filosófica. A nova interpretação da história do povo eleito feita por Paulo e não pelos judeus prova a verdade daquilo que ele queria interpretar: que a esperança do povo não foi defraudada mas precisa de ser percebida (como foi vista por Paulo mas não pelos Gálatas!). O que estava em questão na comunidade dos Gálatas era a correcta interpretação da promessa de Deus a Abraão, interpretação que devia ser feita pela fé. A releitura da história da salvação feita por Paulo prova que a história do chamamento de Abraão e da esperança que ele pôs em Deus aponta para um seu cumprimento, que agora se pode ver na pessoa de Jesus. O cumprimento no final dessa longa história impregnada de esperança prova que a esperança não era vã; e evidencia o sentido dessa história, misterioso durante séculos, alimentado pela esperança em movimento. Assim, a esperança cristã baseia-se na história e acontece na história e funda-se na certeza da intervenção futura de Deus<sup>12</sup>.

<sup>9</sup> Is 2,2ss; Miq 4,1ss.

<sup>10</sup> Is 43,1ss; Ba 4,36ss.

<sup>11</sup> Citado por G. RAVASI, *Quién eres, Señor?* (Verbo divino; Estella 2013) 132.

<sup>12</sup> Cf. J. MOLTMANN, *Teologia de la esperanza* (Verdad e imagen 48; Sígueme; Salamanca 1981) 193-200.

O que até Jesus era futuro, para a fé cristã tornou-se nele *presente definitivo*: perdão absoluto dos pecados, filiação divina pessoal, habitação do Espírito no coração de carne, povo de Deus alargado a todos os povos. A base e o conteúdo da esperança foram reformulados e consistem agora na pessoa, na mensagem e na obra salvífica de Jesus. Se qualquer ser humano está animado de esperança, a cristã tem um distintivo: apoia-se no Deus de Jesus Cristo. Dá à vida o sentido último que lhe deu Jesus, que acreditava no Deus de Abraão.

### 2.1. *Esperança e morte de Jesus*

Não deixa de ser paradoxal que a esperança cristã esteja ligada à morte, à morte de Jesus. Esta é interpretada pelos escritores do Novo Testamento como necessária. Põem Jesus a explicar aos discípulos de Emaús: “não era necessário que o Messias padecesse estas coisas e entrasse assim na sua glória?” (Lc 24,26). Com isso queriam significar que a morte cruenta livre e voluntariamente aceite como inevitável – como consequência do incómodo que tinha causado aos poderes instituídos – revelava de forma suprema o amor de Deus pela humanidade. Foi sofrendo a morte por amor que Jesus revelou em plenitude a *glória* de Deus, ou seja, *quem é Ele*: é amor, é “Deus para nós”. E foi morrendo por amor que Jesus “manifestou a sua *glória*” (Jo 2,11; 13,31-32), manifestou *quem era*: o Filho de Deus que fazia incarnar o seu amor. Se não tivesse aceitado morrer, não teria revelado Deus tal como Ele é, diferente de como muitos humanos o faziam ou queriam que Ele fosse. Só um Deus sofredor na pessoa de Jesus entrava na dor de cada um dos seus filhos. Só assim Ele foi *solidário* com os sofredores e está do lado deles, dando-lhes esperança.

A sua solidariedade manifestou-se no facto de ter sido vítima do mesmo mal que de diversas formas nos atinge a todos. O sofrimento e a morte que ele aceitou por amor aos humanos projecta luz sobre a nossa existência sofredora *redimida*, como projectou luz sobre a sua existência *redentora*. Ao ser revelação do “amor até ao fim” (Jo 13,1), a morte voluntária de Jesus na cruz também era revelação do fim do mal enquanto absurdo. Quer dizer, depois da solidariedade total de Jesus com a humanidade (incarnando nela e morrendo por ela), o mal já não é obstáculo à esperança *cristã*. A cátedra da cruz é o lugar da sua «última lição» para nós e também para si próprio. A carta aos Hebreus esclarece a este propósito: “Ele nos dias da sua vida terrena [literalmente: nos dias da sua *carne*] apresentou orações e súplicas àquele que o podia salvar da morte, com grande clamor e lágrimas... Apesar de ser Filho, aprendeu [*émathen*] a obediência por aquilo que sofreu [*épathen*]; e, chegado à perfeição, tornou-se para todos os que lhe obedecem fonte de salvação definitiva, tendo sido proclamado por Deus sumo-sacerdote”<sup>13</sup>. Esta suma solidariedade é um sumo gesto de amor, que dá conteúdo à esperança cristã. Enquanto os sacerdotes do Antigo Testamento, por uma série de purificações, se mantinham separados do seu povo e eram solidários com ele só no pecado, Jesus é perfeitamente solidário em tudo com os humanos – leigo como eles, não pertencente à tribo sacerdotal – e não tem pecado como eles: “Não temos um sumo-sacerdote que não possa compadecer-se da nossa fraqueza, pois ele foi provado em tudo como nós, excepto no pecado” (Heb 4,15; 2,17-18).

Enquanto sumo-sacerdote, Jesus é perfeito mediador, *pontífice* [*faz* perfeitamente a *ponte* entre o humano e Deus], porque, filho humano, também é Filho divino e “foi proclamado sumo-sacerdote por Deus”, não pelos humanos, que são necessariamente

---

<sup>13</sup> Heb 5,7-10. Cf. A. TORRES QUEIRUGA, *Esperanza a pesar del mal* (Presencia teológica 140; Sal Terrae; Santander 2005) 118-131.

limitados. Assim, pode salvá-los do pecado porque não o tem. Realmente, o ser humano aprende a pensar-se a si próprio como limitado e dependente. O sofrimento ensina-lho melhor, dá-lhe essa experiência. Mas o sofrimento de Jesus redime essa limitação natural. E a participação, pelo sofrimento, no **amor** com que Jesus abraçou a cruz faz com que a **fé** de cada humano torne própria essa redenção, fundamento da **esperança** cristã.

De facto, para o cristão a cruz de Jesus não é simples expressão de sofrimento, muito menos lugar de suplício. O crucifixo silencioso também é poderoso símbolo da dor humana e da solidão da morte. Nenhum outro exprime com tanta força o sentido do nosso destino, ele que forma parte da história do mundo. Uma das dificuldades da polémica anticristã dos primeiros séculos foi precisamente a ideia de um Deus crucificado, considerada indecorosa para uma cultura que detestava os corpos mortos. No entanto, o crucifixo entrou na linguagem, no imaginário e na consciência colectiva, que o fizeram símbolo vivo e universal da dor, da morte e da esperança, exactamente porque foi percebido como a suprema Palavra do amor, que – como sabemos – frequentemente implica dor. E a dor é a experiência humana mais poderosa para viver e exprimir o amor com a maior intensidade possível. No limite da dor aparece mais claramente a força do amor. Assim, no Jesus da dor encontramos o Deus do amor. Do alto da cruz a morte de Jesus fala muito alto: “Jesus *gritou* com voz forte...” (Mc 15,33-37). Com esse acto de amor assinou com o seu sangue o texto de toda a sua vida. A **fé** no **amor** manifestado pela sua morte é o mais seguro fundamento da **esperança**: dá que pensar e que viver. De facto, depois de Jesus ter sido *solidário* connosco no nascimento, na vida e na morte, aconteça o que acontecer, não estamos sozinhos. Representa-nos porque é um de nós; pode compadecer-se da nossa fraqueza porque a partilhou na nossa “carne”.

Contudo, isso ainda não basta, pois, mesmo que morra comigo, se ele próprio não é capaz de superar a morte, de pouco me serve: se eu estou no abismo e ele desce até onde estou, é solidário comigo; mas, se não consegue sair de lá, estou condenado a perecer. A esperança cristã espera o bem *definitivo*, a libertação do aniquilamento total que é a morte. De facto, «ninguém pode viver a pensar que, ao fim, só existe a Morte» - declara o cavaleiro do filme *O sétimo selo*, de Ingmar Bergman.

## 2.2. *Esperança e ressurreição de Jesus*

A resposta definitiva à esperança *cristã* está na ressurreição real de Jesus *Cristo* pela força do Espírito do Pai. Ela foi a aprovação divina de tudo o que Jesus fez na sua vida. Foi a consagração do sentido de uma vida e de uma morte dedicadas ao amor e à promoção do amor. Ressuscitando-o, o Pai fez ressurgir toda a sua vida terrena, marcada pela entrega ao seu reino. Identificou-se com ele desautorizando os que o tinham condenado e matado. Aprovou os seus gestos de bondade para com os desfavorecidos, validou a sua solidariedade total com os humanos, a sua cura de todos os males, as suas lutas pela verdade, pela justiça e pela fraternidade universal; consagrou o ensino do perdão incondicional aos pecadores, a sua fidelidade, até à morte, ao plano salvífico de Deus para com todos os humanos, o projecto de um mundo novo, o seu investimento total nas pessoas e na suma dignidade humana, buscando uma vida mais digna para todos. Mas não só lhe deu razão. Fez-lhe justiça. Devolveu-lhe a vida que injustamente lhe tinham tirado, levando-a à plenitude. Ao ressuscitá-lo da morte, dava razão à mensagem que tinha anunciado e às obras que tinha feito: que Deus era como Jesus o tinha apresentado nas suas parábolas. O amor e a misericórdia do Pai eram verdade. A acção de Jesus coincidia com a vontade do Pai: o que Jesus fez era o que Deus queria.

À luz da sua ressurreição, tudo o que ele tinha dito e feito fazia agora sentido perfeito<sup>14</sup>. Projectava retrospectivamente uma luz nova sobre o sofrimento e sobre a vida do Crucificado, mas também iluminava toda a história da humanidade e dava-lhe esperança. A acção de Deus a favor de Jesus assegura-nos da onnipotência do seu amor, que consiste em estar sempre e só do lado do ser humano. Graças ao que Deus fez por Jesus já não precisamos de pensar que Deus nos abandone, se cale ou se desentenda de nós. Por trás do mal que nos acontece e que Ele não quer nem pode evitar – dadas as condições da história e da natureza humanas (como não pôde livrar Jesus da morte, pela escolha que ele fez) –, está um Pai cheio de amor libertador.

A partir da fé na ressurreição, a *esperança* cristã vê o presente como gérmen de uma vida que se torna definitiva em Deus: “Bendito seja Deus, Pai de nosso Senhor Jesus Cristo! Pela sua grande misericórdia/**amor** fez-nos nascer de novo para a **esperança** viva, que Ele nos deu ressuscitando Jesus Cristo da morte” (1Ped 1,3). Venha o que vier, a minha vida não poderá ser menos do que aquilo que Ele prometeu, realizou e garantiu. A salvação, que só pode ser dom d’Ele, fundamenta-se no poder do seu amor, na fidelidade às promessas que a fé lhe atribui nas Escrituras e no evangelho (Cl 1,23), realizadas em Jesus: “fomos salvos na esperança” (Rm 8,24). Realmente, “noutro tempo, vós, os pagãos..., estáveis longe de Cristo..., **sem esperança** e sem Deus no mundo” (Ef 2,11-12). Agora “estamos em paz com Deus por nosso Senhor Jesus Cristo. Por ele também obtivemos, por meio da **fé**, o acesso a esta graça [da amizade divina] em que nos encontramos; e estamos orgulhosos **na esperança** de que Deus se manifeste presente. Mais ainda: estamos orgulhosos até perante as tribulações, sabendo que a tribulação gera a capacidade de suportar, a capacidade de suportar gera virtude provada e a virtude provada gera **esperança**. A **esperança** não falha, porque **o amor de Deus** foi derramado nos nossos corações pelo Espírito Santo que nos foi dado... E a prova de que Deus nos ama é que Cristo, sendo nós ainda pecadores, morreu por nós” (Rm 5,1-5.8). Este *amor* é o que, em definitivo, **dá conteúdo à esperança** cristã, que, portanto, “não engana”. Por isso, Paulo gloria-se: “Sei de quem me fiei” (2Tim 1,12). Os cristãos poderiam definir-se como «os que têm esperança». E se a sua esperança é um dom, esse dom é o próprio Jesus, tem o seu nome: “Cristo em vós, esperança da glória” (Cl 1,24-29).

Depois de criticar «uma sociedade cruel que não dá a esperança», no dia 17.6.2013, o Papa Francisco, abrindo o Congresso da Diocese de Roma sobre o tema «*Eu não me envergonho do Evangelho*», venceu que os cristãos devem «oferecer a esperança cristã». A morte e a ressurreição de Cristo são «a maior mudança da história da humanidade», tornando-se uma «revolução» porque «muda o coração». «Nós somos revolucionários desta revolução porque caminhamos por esta estrada da maior mudança da história da humanidade. Um cristão, se não é revolucionário, não é cristão», acrescentou.

### 2.3. *Esperança e vida cristã*

O que Jesus tinha dito e feito era para ser feito. Acolhido e feito, dava esperança à vida de todos os que aderissem a esse estilo de vida. A fé na ressurreição fundamenta e promove o realismo histórico de uma esperança viva que navega entre os dois maiores escolhos que ameaçam a eficácia do compromisso contra o mal: a utopia e o desespero. Não cai na *utopia* porque a ressurreição de Jesus não faz desaparecer o sofrimento humano: empenha na luta histórica contra ele. Mas também não cai no *desespero*, porque a ressurreição, ao mostrar que a vida humana está envolta no Amor infinito de Deus, mais

<sup>14</sup> Cf. J.A. PAGOLA, “Con los ojos fijos en Jesús”, *Fijos los ojos en Jesús*. En los umbrales de la fe (PPC; Madrid 2012) 186-188; J.A. PAGOLA, *El arte de generar esperanza* (Idatz; San Sebastián 2005) 7-10.

poderoso do que o mal, tira a este a última palavra, vencendo mesmo a sua maior fortaleza que é a morte <sup>15</sup>.

Assim, a esperança cristã tem carácter absoluto: “Tendo esperança, procedemos com toda a segurança/ousadia” (2Cor 3,12). A esperança “é para nós uma âncora firme e segura da nossa existência” (Heb 6,18-19): “permanecei firmemente consolidados na **fé** e inabaláveis na **esperança**, prometida pelo anúncio da *boa nova* que ouvistes” (Cl 1,23). Ela é a última razão dessa segurança: “O próprio Senhor nosso Jesus Cristo e Deus, nosso Pai, nos **amou** e nos deu pela sua graça uma consolação eterna e uma **esperança** ditosa” (2Tes 2,16). Mais uma vez, o amor de Deus surge como fundamento de todas as certezas da esperança. “Todo aquele que tem em Deus esta esperança purifica-se a si mesmo, para ser puro, como [Jesus] é puro” (1Jo 3,3).

Numa das exortações mais convincentes da Bíblia, Paulo incute aos Romanos confiança inatacável, apontando precisamente a esperança como razão para superar os ataques à vida humana: “Somos tratados como ovelhas para o matadouro. Mas em tudo isto saímos vencedores graças àquele que **nos amou**. Pois estou certo de que nem a morte nem a vida..., nem o presente nem o futuro..., nem a altura nem a profundidade, nem qualquer outra criatura poderá separar-nos do amor de Deus manifestado em Cristo Jesus, nosso Senhor” (8,36-39). Por isso, “a vida que agora tenho na carne vivo-a na fé do Filho de Deus que **me amou** e se entregou a si mesmo por mim” (Gl 2,20).

Paulo explicita mesmo a relação complementar entre as três virtudes, fé, esperança e amor:

“A vosso respeito, guardamos na memória a actividade da **fé**, o esforço do **amor** e a constância da **esperança**” (1Tes 1,3). “Agora subsistem a **fé**, a **esperança** e o **amor**, estas três. Mas a maior de todas é o amor” (1Cor 13,13).

Acabam por ser variantes da mesma vida cristã, a vida dada por Deus, a vida *definitiva*. Charles Péguy diz que a esperança é a irmã mais pequena da fé e do amor, mas conduz as outras duas pela mão e puxa por elas:

A FÉ de que eu mais gosto, diz Deus, é a esperança.

A fé, isso não me espanta.

Isso não é espantoso.

Eu resplandeço de tal maneira na minha criação [que a fé não me espanta]...

A caridade, diz Deus, isso não me espanta.

Isso não é espantoso.

Essas pobres criaturas são tão infelizes que a não ser que tivessem um coração de pedra, como não haveriam de ter caridade umas para com as outras?...

Mas a esperança, diz Deus, isso é que me espanta.

A mim mesmo.

Isso é espantoso.

Que essas pobres crianças vejam como todo esse [mal] acontece e acreditem que amanhã vai ser melhor...

O que me espanta, diz Deus, é a esperança.

Eu fico pasmo.

Essa pequena esperança que parece uma coisa de nada.

Essa pequena esperança. Imortal.

Porque as minhas três virtudes, diz Deus.

As três virtudes, minhas criaturas.

---

<sup>15</sup> 1Cor 15,26. Cf. A. TORRES QUEIRUGA, *Esperanza a pesar del mal* (Presencia teológica 140; Sal Terrae; Santander 2005) 127-129.

Minhas filhas, minhas crianças.  
 Elas próprias são como as minhas outras criaturas...  
 A Fé é uma Esposa fiel.  
 A Caridade é uma Mãe.  
 Uma mãe ardente, cheia de coração.  
 Ou uma irmã mais velha que é como uma mãe.  
 A Esperança é uma menina de nada.  
 Que veio ao mundo no dia de Natal do ano passado...  
 Porém, das três, é esta menina que atravessará os mundos.  
 Esta menina de nada.  
 Mal se dá por ela no caminho da Salvação...  
 Mas é ela, a pequena Esperança, que avança na estrada  
 entre as duas irmãs mais velhas, arrastando-as.  
 Só ela, levando as outras, poderá ultrapassar tudo o que já foi <sup>16</sup>.

Das três, a esperança é a mais frágil, mas também a mais necessária <sup>17</sup>. E nenhuma delas se pode conceber sem a outra:

- A **esperança** está intimamente ligada na estrutura da vida à fé. Não há esperança cristã sem fé em Jesus Cristo: só nele lança as raízes. Só quem crê espera de verdade. “A fé é o suporte [*hypóstasis*] daquilo que se espera” (Heb 11,1). Ou seja, a fé visa instalar a esperança no coração do crente, está ao serviço da esperança. A fé salva a esperança e a esperança salva a existência e dá-lhe sentido último. A fé faz-nos passar do simples esperar (eu espero *que*) para a esperança fundada (eu espero *em*).

- Mas a **fé** sem esperança seria vazia, ficaria sem base e sem garantia: só quem espera de verdade é que crê. Só cremos naquilo que esperamos, como só esperamos o que acreditamos. Esperamos o que a fé nos promete. A fé dá substância à esperança: é um agarrar-se ao que espera. A minha fé é a forma da minha esperança. A melhor fé é a da esperança: “esperamos o que não vemos” (Rm 8,25).

- Finalmente, só a esperança numa força que nos transcenda é que pode fundamentar uma vida com futuro. Essa força é a do **amor**, dada pela primeira fonte do amor, Deus. Por isso, “a esperança não ilude”: o amor de Deus, o “amor até ao extremo”, aconteceu *mesmo* no Jesus histórico. O cristão potencia a *fé* que *espera* no Deus que em Jesus se revelou como *Amor*. Fora da esperança em Jesus – fora da esperança oferecida por Deus – qualquer outra esperança acaba por perecer. Só quem tem esperança persevera nos actos de amor. E quem crê e espera como cristão age segundo o amor. A esperança dita o amor, torna-se visível na acção, impulsiona boas acções. Nem o relevo dado à esperança nega que a essência do cristianismo seja o amor. Só que o liga a ela: “o amor tudo espera” (1Cor 13,7).

Aliás, a ligação da **esperança** ao **amor** proporciona uma reflexão fecunda.

Enquanto ser com os outros e para os outros, o humano é ser de amor: “O meu peso é o meu amor [isto é, eu peso quanto pesa o meu amor; o meu valor e a minha essência está no meu amor; tanto valho quanto amo efectivamente]; ele é que me leva para onde sou levado” – dizia S. Agostinho <sup>18</sup>. O meu *eu* deriva de um *tu*, a quem encontro primeiro que a mim próprio. Tomando o amor em sentido forte e não como vaga simpatia, ele consiste

<sup>16</sup> Charles PÉGUY, em *Breve Antologia da Poesia Cristã Universal* (Edição eletrónica, org. Sammis Reachers; 2012).

<sup>17</sup> O Papa Francisco, na homilia do dia 9.9.2013 na capela de S. Marta, disse que a esperança, às vezes confundida com o bom humor, é em certos aspectos uma virtude “humilde” e “de segunda classe”, sendo menos mencionada proporcionalmente à fé e à caridade.

<sup>18</sup> *Confissões*, 13, 9, 10.

em necessitar radicalmente de alguém, de quem não se pode prescindir. E se o amor autêntico não pode morrer, o desejo de continuar a viver para sempre implica que continue a viver o ser amado: não tolera que deixem de existir as pessoas amadas e que quer amar. É aí que intervém a esperança. De nada serviria a esperança da imortalidade para uma pessoa só! A quem amaria? Na medida em que somos seres de amor, precisamos de continuar a viver depois da morte para continuar a amar. O motor desta forma de ver as coisas é precisamente a esperança.

Aqui entra em cena uma realidade complementar. No centro da esperança cristã da imortalidade está a ressurreição da *carne*, da *pessoa*. A ligação da intrínseca condição amorosa do ser humano com a necessidade de continuar a viver para sempre tem o ponto culminante na ressurreição, que, depois da morte, restabelece a plena realidade do ser amado enquanto *pessoa* completa. A esperança da ressurreição não se limita à minha pessoa. Como a descoberta do *tu* precede a descoberta do *eu*, a necessidade de continuar a viver depois da morte refere-se em primeiro lugar às pessoas amadas. Então, a minha condição de ser para o amor – amor para sempre – exige que continuem a viver as pessoas amadas. Entre elas está o Deus *pessoal* de Jesus Cristo, sumamente amável e amado, que dá sentido e conteúdo à esperança cristã na ressurreição. Ao mesmo tempo que aponta a possibilidade de continuar a amar pessoas na «comunhão dos santos», dá fundamento absoluto a esse amor humano no amor a Deus, que também se fundamenta na condição amorosa do ser humano: “Quem não ama o próximo que vê como amará Deus que não vê?” No amor eterno de Deus e respondendo-lhe a ele, o amor humano torna-se eterno.

Assim, sente-se que a morte faz parte da vida, dá-lhe unidade. Isto é, a vida conta com a morte, vê-a como algo que tem a ver com ela. E a morte, por sua vez, actua sobre a vida passada, interpreta-a e dá-lhe sentido. Mas, suposta a «outra» vida, decisivo é a sua ligação a esta. A esperança cristã projecta esta na outra e antecipa a outra para esta: vive o céu na terra. A «outra» vida é o ‘segundo acto’ do mesmo drama que é a minha vida. Desligar a «outra» vida desta redundaria no esvaziamento da esperança na outra vida. É preciso entender a outra *a partir desta*, como seu cumprimento ou plenitude. Mesmo que a «outra» vida tenha estrutura experiencial distinta (só espiritual), terá de ser a mesma vida, a *minha vida*. A vida de ressuscitados terá de ser um reflexo das escolhas que fizemos neste mundo. Tudo o que realmente quisermos de bom será. Seremos para sempre o que tivermos querido e o que tivermos querido ser.

Essa opção fundamental que fizemos conscientemente para sempre poderia explicar o chamado «céu e inferno». Somos nós que fazemos a vida, embora com as limitações impostas pelas circunstâncias. Foi-nos dada, mas não já feita. Somos o que fazemos. Somos aquilo que nos fazemos. Vamo-nos fazendo biograficamente, de forma projectiva, nos sonhos, nos conflitos, na esperança. Ao longo da vida fazemo-nos e escolhemo-nos a nós próprios, não tanto *o que* queremos ser mas mais *quem* queremos ser. Nesta vida, por meio da esperança, fazemos a escolha da «outra». E a «outra» é a realização plena desta. É a realização da esperança<sup>19</sup>. Se não existisse mais do que esta vida, por exemplo a felicidade humana seria um engano. A vida seria como caminhar sobre um lago gelado, cujo gelo a um dado momento quebraria e nos afundaria. A condição para a felicidade verdadeira é a de uma vida que continue depois da morte, que seja nossa e que seja feliz.

#### 2.4. *Esperança cristã e sentido da vida*

---

<sup>19</sup> Cf. J. MARÍAS, *La felicidad humana* (Alianza Editorial; Madrid 2013) 330-385.



À esperança humana está ligada a pergunta pelo *sentido* da vida: que podemos esperar do viver? Ora, como as religiões estão tradicionalmente ligadas à pergunta pelo sentido a dar à vida, também a esperança bíblica tem uma palavra nessa reflexão. A resposta está contida na ideia de *salvação* ou esperança realizada, conceito bíblico equivalente ao conceito não bíblico do *sentido* último da vida<sup>20</sup>. Quando o cristão diz «eu espero», orienta-se para a *salvação*, que, para ele, é dom gratuito de Deus: na vida, morte e ressurreição de *Jesus*, deu conteúdo à esperança e sentido à vida.

A falta de sentido último para a vida, equivalente prático da felicidade total, pode suscitar dois desenlaces.

Uma possibilidade é a *fragmentação da vida*: fazer equivaler – de forma sempre fraudulenta – os prazeres ou êxitos à felicidade, coisa que conduz à não autenticidade e a uma vida vazia; a pessoa que não encontra sentido para a sua vida e a enche de prazeres ou êxitos como «equivalente» faz batota e deixa introduzir a falsidade na sua vida.

A outra possibilidade é o *reconhecimento da infelicidade*, que recusa a falsificação da vida mas também não a preenche de sentido. Essa atitude – frequentemente causada pelos grandes inimigos da esperança, que são o mal e o sofrimento, o mal físico e o mal moral – gera a sensação do absurdo do viver e pode levar ao desespero e à desesperança.

Ora, a sabedoria bíblica procura a salvação enfrentando o prazer e a infelicidade. O sentido da vida não se identifica com a felicidade, mas é condição para ela. E o que principalmente interessa ao ser humano não é gozar do prazer ou evitar a dor: é encontrar sentido para a vida. Até estará disposto a sofrer o sofrimento inevitável, contanto que faça sentido sofrer. O sofrimento faz desesperar quando não se lhe encontra sentido. E o drama fundamental do ser humano não é a falta de prazer: sem prazer pode-se viver. Drama é a falta de sentido, igual a falta de razão para viver. Realmente, uma vida sem razão para viver e sem esperança não é digna de ser vivida. Quando não se encontra o sentido da vida por causa do excesso do mal, busca-se o prazer e o poder<sup>21</sup>. Mas, a vida tem sentido quando somos capazes de gerir o equilíbrio entre o prazer e a dor.

Este tema corre-nos nas veias e vale a pena insistir nele. Perante uma experiência dolorosa, a pessoa sem esperança fica sem horizontes, olhar diminuído pela miopia. A partir daí, a visão negativista atinge os demais aspectos da vida. Mas há outra forma de encarar as penas da vida. Em vez de a viver toda a partir delas, a pessoa precisa de as viver a partir da totalidade da sua vida e do sentido positivo que ela tem. Precisa de ampliar os horizontes e elevar o olhar. Não tirará importância ao problema doloroso particular. Situa-o no conjunto da sua existência, onde deve encontrar aspectos, enquadramentos, experiências, laços mais positivos. Geralmente, fazer com que a mesma situação se torne mais ou menos negativa, depende da atitude com que a enfrentamos: com sentimentos negativos, derrotistas, desoladores, ou com pensamentos amplos, nobres, integradores. A esperança é a parte de nós a contrariar o pessimismo, a tristeza, o desânimo, a crise que grita fora de nós e à nossa volta. Tentar descobrir o bom do quotidiano é uma emergência de sabedoria. É fácil pintar a vida de negro carregado: começa como o vinho novo, cada um envelhece-a ao seu gosto e há quem prefira torná-la vinagre. Mas a sabedoria e a esperança pintam-na de sabores e de cores matizadas, bonitas, harmoniosas. Viver em esperança ajuda a dar cores positivas ao andar da vida, ao olhar para as coisas, à escuta dos problemas, à relação com os desesperançados<sup>22</sup>. Infunde motivos para continuar a viver apesar de tudo. Mantém a coragem de existir.

<sup>20</sup> Cf. D. BONHÖFFER, *Risposta alle nostre domande* (Queriniana; Brescia 2005<sup>2</sup>) 130.

<sup>21</sup> Cf. V. FRANKL, *El hombre en busca de sentido* (Herder; Barcelona 2011) 128-137; V. FRANKL, *El hombre doliente* (Herder; Barcelona 2011) 13-26.

<sup>22</sup> J.A. PAGOLA, *El arte de generar esperanza* (Idatz; San Sebastián 2005) 17-23.

Enquanto dá capacidade de interpretar a vida pelo lado bom, o dinamismo da esperança é factor de optimismo – embora não se reduza a um mero optimismo. É anseio de sentido e de plenitude<sup>23</sup>. Gera a força de esperar, quando os outros se resignam. É essencialmente revolucionária. A falta de esperança acabrunha, entristece, derrota, leva a pessoa ao sem-sentido: *quem nada espera desespera*. Ao contrário, a esperança tira-nos do buraco do desespero e, gerando alegria, dá sentido último à vida. Esperança e alegria andam de mãos dadas: “Irmãos, não queremos... que andeis tristes como os demais, que não têm esperança” (1Tes 4,13); “sede alegres na esperança, pacientes na tribulação, perseverantes na oração” (Rm 12,12).

É urgente pensar e sentir que a esperança cristã mexe mesmo na vida. Comanda a vida. Transforma-a positivamente. Dá de presente o futuro, não como uma quimera ou mera utopia que projecta no futuro as frustrações do presente. Não. O que faz é puxar para o presente a experiência de plenitude, ou seja, de *salvação* da pessoa, realizada por Jesus. Não é ilusão passageira: abre um caminho real quando estamos num beco sem saída. Não só dá alento para fazer o caminho custoso que leva até casa: também antecipa o gozo da chegada a casa. A esperança de ter umas férias maravilhosas dá energia para suportar os duros trabalhos de um ano inteiro; mas também faz saborear antecipadamente a alegria e o descanso das férias. “Atrai o futuro para dentro do presente, de modo que aquele já não é puro «ainda não». O facto de este futuro existir muda o presente”<sup>24</sup>. Realmente, o presente tem sentido na medida em que se abre ao futuro. “Com o nosso empenho contribuimos para que o mundo se torne um pouco mais luminoso e humano e assim também se abram *as portas para o futuro*”<sup>25</sup>. A falta de futuro é o inferno, como já antevia Dante descrevendo-o na *Divina Comédia*: “Assim entenderás que todo o conhecimento seja morto desde o ponto em que se feche a porta do futuro”<sup>26</sup>. A esperança cristã desafia o presente imediato, sempre breve. É um poder criador. Abre perspectivas que fazem viver. Vive já com aquilo que ainda não é mas que nos faz ser. “Transforma o fim em finalidade”<sup>27</sup>. “A verdadeira esperança cristã, que procura o Reino escatológico, gera sempre história”<sup>28</sup>. Aquilo que esperamos é o motor daquilo que fazemos, sendo a nossa acção a própria manifestação daquilo que esperamos.

De facto, a vida, sendo irrecusavelmente um caminho que vem do *passado*, realiza-se no quotidiano *presente* projectando-se para o *futuro*: é passado que influencia o **quotidiano**, mas também é **projectão**. A vida é quotidiano. Mas o quotidiano está marcado por um fenómeno que é o *despertar*. Para que realidade nos despertamos todos os dias? Para a luz, para os afazeres caseiros, para o trabalho. Mas, mesmo que a perspectiva sobre o dia seja a de contrariedades, a de um duro dia de trabalho com incómodos e inconvenientes, a da sombra de uma doença que continua a moer..., o decisivo é que a esperança descubra subjacente a felicidade como um *fundo* com sentido: “A paz foi desterrada da minha alma, já nem sei o que é a felicidade... Uma coisa, porém, guardo no meu coração; ela me mantém a esperança: que o amor do Senhor não acaba, não se esgota a sua ternura/compaixão. Cada manhã ela se renova: é grande a Tua fidelidade!” (Lm 3,17.21-23). A esperança, com um antecipado *sim* ao dia, ajuda a despertar para a felicidade. E porque um traço essencial da vida humana é ser essencialmente aberta ao futuro, projectada para o futuro como a própria esperança, então

<sup>23</sup> Cf. A. GESCHÉ, *El sentido* (Verdade e imagem 164; Sígueme; Salamanca 2004: original 2003) 131-156.

<sup>24</sup> BENTO XVI, *Spe salvi*, 7.

<sup>25</sup> BENTO XVI, *Spe salvi*, 35.

<sup>26</sup> *Inferno*, Canto X, 106-108.

<sup>27</sup> C.M. MARTINI, em U. ECO – C.M. MARTINI, *Em que crê quem não crê?* (Gráfica de Coimbra; Assafarge 2000) 15.

<sup>28</sup> Papa FRANCISCO, *Evangelii gaudium*, 181. Na sua Exortação Apostólica a palavra esperança aparece 27 vezes.

não é possível a felicidade sem esperança, ou, indo mais longe, a felicidade consiste na esperança, está envolvida na luz da esperança. Se a nossa saudação matinal do «bom dia» for sincera, estamos a incutir esperança uns aos outros. Despertar com um *sim* à vida, com desejo esperançoso de que se prolongue indefinidamente, isso é felicidade. Quando o despertar é para a infelicidade que se vê à espera ao pé da cama, será preciso buscar sentido para esse dia, para esperar dele um fundo que justifique continuar a viver. Se não se consegue, será preciso continuar a esperá-lo para o dia seguinte. A alternativa seria a cedência à infelicidade irremediável e à desesperança. “o homem não pode viver sem esperança: a sua vida, condenada à insignificância, tornar-se-ia insuportável”<sup>29</sup>.

A esperança cristã também não se detém nunca no hoje, no realizado. Apesar de Jesus já ter dado o mais perfeito conteúdo à esperança e de ter realizado as suas aspirações, o cristão continua a desejá-lo: “Vem, Senhor Jesus”. Não precisa só daquilo que lhe faz falta: continua a precisar daquilo que tem e a desejá-lo. Não é só o judaísmo a alimentar a esperança da vinda de um Messias. Também os cristãos “esperam a vinda gloriosa de Jesus salvador”, como aquele que vem dar sentido total a toda a história: por isso dizem que vem no fim do mundo. O cumprimento da esperança não a desvanece: mesmo cumprido o seu desejo, ela permanece, porque o possuído continua a ser desejado e mais desejado. Ela projecta com perseverança. Mas não é mera antecipação: alimenta-se da presença, por exemplo, da presença real de Jesus na vida da pessoa. É consciente de que, mesmo quando desperta para a felicidade, a realidade do bem e do mal físico não se prolonga indefinidamente. Então abre o ser humano ao futuro, que, para o cristão, é o reino de Deus, o espaço para Deus viver na sociedade, nas famílias, em mim: é o paraíso celeste antecipado para a terra. “O reino de Deus é um dom..., constituindo a resposta à esperança”<sup>30</sup>. “O ser humano tem necessidade de Deus; de contrário, fica privado de esperança”<sup>31</sup>. A essa altura, pronuncia-se a ‘competência’ do místico: “a esperança, referida a Deus, tanto alcança quanto espera”<sup>32</sup>. Não desiste. Resiste à ideia de que sejamos perecíveis e tenhamos o *nada* absoluto como destino. A sua grandeza está no valor da resistência.

Enquanto tem a ver com o futuro, tem a ver com o tempo. Porque o ser humano é viandante, peregrino, olha em frente, com os faróis nos máximos. Mas também transporta na memória o passado. Tem atrás de si toda a experiência de uma longa e rica história. E a recordação desse passado cheio de esperança – como é o da revelação bíblica e o da liturgia cristã – sustenta e cultiva a esperança no presente, comunicando o poder *salvífico* dos acontecimentos rememorados por quem os celebra e *recita*. Dá à existência pessoal o sentido *último*, que a fé vê em Deus.

## Conclusão

❖ Já sabemos que a **crise** que hoje nos ameaça tem raízes mais profundas do que as económicas e financeiras. Resulta de uma vida sem raízes na terra e sem laços com o céu. Mas, bem aproveitada, pode tornar-nos mais fortes. Puxa por nós. Torna-nos inventivos, num desafio à criatividade. Faz que nos superemos. Para o cristão, do terreno que fez germinar a crise irrompem sementes de esperança. As crises desencadeiam duas

<sup>29</sup> Papa FRANCISCO, *Evangelii gaudium*, 275.

<sup>30</sup> BENTO XVI, *Spe salvi*, 35.

<sup>31</sup> BENTO XVI, *Spe salvi*, 23. Veja neste sentido V. FRANKL, *Psicoterapia y existencialismo* (Herder; Barcelona 2011) 167-181.

<sup>32</sup> S. JOÃO DA CRUZ, Poema X, «Tras un amoroso lance», vv. 31-32; *Subida do monte Carmelo*, livro 3, 7,2; *Noite escura*, livro 2, 21,8.

atitudes humanas, contraditórias: a do medo e a da esperança. Aprender hoje a ter *medo* na justa medida face à crise de valores e de procura de sentido significa aprender a lidar com dificuldades e limitações. Mais ousado, mas mais importante, é aprender a ser pessoa de *esperança*. Ela projecta-nos para além das limitações, dá força para vencê-las. Abre-nos, em vez de fechar-nos.

❖ A esperança torna-se **libertadora**. Não erradica os perigos que nos espreitam, nem nos blinda contra as insídias do mal. Mas exorciza o *medo*, a desesperança, as depressões que nos visitam; e permite rezar: “mesmo que passe por vales tenebrosos, não temerei nenhum mal, porque Tu estás comigo” (Sl 23,4). Se o excessivo medo paralisa, a esperança fundada dinamiza. De um ser de necessidade faz um ser de vontade. O cristianismo realiza um aspecto da sua vocação contagiando de esperança a sociedade, prisioneira do medo de forças anónimas e de ameaças obscuras reais.

❖ A esperança cristã, colocada no **transcendente**, não é alheia à esperança fundamental humana, colocada no **imane**nte. Nem é um acrescento a ela. Insere-se nas suas entranhas, anima-a, potencia-a e abre-a para a sua plenitude. Como o amor, também ela terá de ser incarnada, a partir do humano, embora tenha de terminar no divino: quem não esperar no ser humano a quem vê não pode esperar em Deus a quem não vê. As esperanças humanas são o lugar em que se realiza a esperança que nos transcende. E a esperança em Deus não se justapõe às esperanças humanas. Assume-as, dá-lhes maior urgência. Concretiza-se através delas, na história humana, que na Bíblia se torna caminho de esperança.

❖ Por muita confiança que dê, a esperança **não** é passaporte para o **descomprometimento** na vida. A pessoa de esperança sabe, a partir da fé bíblica, que a sua vontade já está envolta num amor mais poderoso do que o seu próprio pecado, um amor que é garantia de que a sua esperança lhe dá *o novo*. O próprio Jesus lhe deu suporte ao apelar à confiança em Deus como *Abbá* e ao afirmar que Deus Pai “é bom para com os ingratos e os malvados” (Lc 6,35). E embora “a nossa consciência nos condene, Deus, que sabe tudo, está por cima da nossa consciência. Queridos, se a nossa consciência nos condena, temos confiança total em Deus; e o que lhe pedirmos, obtê-lo-emos d’Ele, porque guardamos os seus mandamentos e fazemos o que lhe agrada” (1Jo 3,20-22).

❖ Se não podemos ser demasiado exuberantes e fáceis na proclamação da esperança cristã por declarações excessivamente militantes e idealistas, estamos “sempre prontos a **dar a razão** da vossa **esperança** a todo aquele que vos peça uma explicação” (1Pe 3,15). Damo-la no testemunho de pertencer a Jesus Cristo e de acreditar no Amor que viveu para os outros; damo-la, não pelo ter e pelo fazer mas pelo *ser* na bondade do coração; damo-la, fundamentados na própria história bíblica, habitada como está pelo Amor salvador, superiormente expresso na pessoa de Jesus<sup>33</sup>. A visão bíblica de Deus como Amor abre a consciência humana à esperança realista de comunhão com o que é imperecível, “onde não haverá morte, nem penas, nem pranto, nem dor”<sup>34</sup>. Esse relacionamento da imanência relativa com a transcendência absoluta, com valores inabaláveis e últimos, estabelece os fundamentos da esperança bíblica porque só o divino proporciona certeza e não está sujeito às carências do transitório<sup>35</sup>.

❖ Só quem se abriga no arco e na lógica da fé bíblica está preparado para compreender a esperança cristã. Não é certeza matemática mas afectiva. Não dá soluções mágicas. Nem se encomenda à sorte. Abre caminhos inspiradores. Empenha toda uma

<sup>33</sup> Cf. C.M. MARTINI, *La audacia de la esperanza* (Verbo divino; Estella 2005) 271-288.

<sup>34</sup> Ap 21,4. Cf. A. TORRES QUEIRUGA, *Esperanza a pesar del mal* (Presencia teológica 140; Sal Terrae; Santander 2005) 61-96.

<sup>35</sup> Cf. V. FRANKL, *La presencia ignorada de Dios* (Herder; Barcelona 2011) 55-64.

vida. Sendo dom, também é responsabilidade <sup>36</sup>. Os cristãos “mantêm essa segurança/confiança e essa honra que é a esperança, firme até ao fim” (Heb 3,6). Para eles – tendo como modelo Jesus – ser humano é sê-lo *até ao fim*, até mais não poder, e não desistir de sê-lo a um dado momento: “amou-os até ao fim” (Jo 13,1). Neste tempo em que a crise parece estender a sua sombra a todos os domínios da existência humana, eles têm **a responsabilidade da esperança**. Esta é a sua grande tarefa. Além de «lugar de culto» e «instância moral», a Igreja é comunidade de esperança. Que seria a Igreja de Jesus se não comunicasse a *boa nova* de um Deus amigo da vida e não contagiasse as pessoas com a esperança que brota do Ressuscitado?

---

<sup>36</sup> Cf. F. MARTÍNEZ DÍEZ, *Crer em Jesus Cristo, viver como cristão*. Cristologia e seguimento (Gráfica de Coimbra 2; Assafarge 2007) 759-832; J. MOLTMANN, *El experimento esperanza* (Verdad e imagen 44; Sígueme; Salamanca 1977).